

## Ivan Antônio de Almeida

### O Soviete de 1905

Texto publicado originalmente na *LPH, Revista de História* do Laboratório de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: UFOP, volume 5, 1995. pp. 155-165.

A Revolução Russa de 1905 é um momento privilegiado da história. Pela primeira vez se esboça, de forma nítida, um poder popular, embrião de uma sociedade anticapitalista. Essa rica experiência de auto-organização foi praticamente esquecida quando a Revolução de 1917 foi aceita, pela quase unanimidade dos pensadores, como o modelo de uma revolução socialista.<sup>1</sup> A Comuna de Paris e a Revolução de 1905 pareciam ter sido meros ensaios de uma revolução vitoriosa. A Revolução de 1917 passou a ser o paradigma da revolução socialista.

Hoje, embora me pareça evidente o caráter capitalista da revolução de Outubro (*ver* BERNARDO, 1975),<sup>2</sup> há uma grande resistência nos meios intelectuais em aceitar essa constatação. Também se vive na esquerda um entusiasmo em relação à democracia liberal burguesa. Retomar essas experiências revolucionárias, hoje sob uma nova ótica, significou a possibilidade de se voltar a discutir a superação da ordem capitalista, necessidade particularmente sentida em países como nosso, onde o capitalismo não tem conseguido resolver os problemas básicos da população.

A democracia liberal no Brasil, além de não dar sinais de ultrapassar as portas das fábricas, está desacreditada para a maior parte da população. Embora não haja nenhuma campanha organizada que denuncie o caráter limitado dessa democracia, uma parte significativa da população tem manifestado a sua crítica. Nas pesquisas de opinião, o item “políticos” é o setor mais rejeitado. As eleições têm apresentado índices de abstencionismo, voto nulo e voto em branco que variam de um quarto até um terço dos eleitores. Para a quase totalidade da população, o exercício da democracia não tem representado uma melhoria nas suas condições materiais, pelo contrário, tem significado um empobrecimento rápido e trágico.

Refletir sobre a experiência russa de 1905 é uma oportunidade instigante para discutir alternativas à dupla e contraditória situação em que nos encontramos. De um lado, as forças de esquerda dão laos à democracia liberal como uma nova panacéia – e se beneficiam com ela, à medida que os integrantes dos partidos dessa “esquerda” se integram ao Estado, através de funções administrativas e da representação política – ao mesmo tempo em que esta forma de democracia está desacreditada junto à população.

A velha e atrasada Rússia, onde todas as mudanças eram lentas e incompletas, sofreu, no final do século XIX, um processo de rápido crescimento industrial, acom-

1 Estou usando o termo “socialista” como sinônimo de anti-capitalista.

2 Especialmente o capítulo 18.

panhado de uma surpreendente efervescência cultural. A industrialização russa foi patrocinada pelo Estado que criou uma infra-estrutura, como estradas de ferro, e investiu maciçamente na produção de ferro e aço e na indústria mecânica. O Estado comprou tecnologia, principalmente alemã, e estimulou os investimentos estrangeiros.

Embora o censo de 1897 indique que apenas 13% da população morava nas cidades, o processo de urbanização era rápido e era alta a concentração operária nas principais cidades. Entre 1895 e 1897, enquanto a população rural crescia 12,7%, a população urbana cresceu 33,8% (TROTSKY, s/d, p. 55). São Petersburgo tinha 820.000 trabalhadores “empregados ativamente”. Destes, 433.000 (53%) eram operários e serventes (Idem, 257).

Com o crescimento industrial, a distância entre a sociedade civil, com suas novas classes sociais (operariado e burguesia – embora esta fosse constituída em parte pelos gestores das empresas estatais) e a velha monarquia absoluta, ampliou cada vez mais, salvo no restrito grupo palaciano, o desejo de mudanças. As liberdades da democracia liberal interessavam a praticamente toda a sociedade, destituída de qualquer direito de expressão ou organização.

A partir de 1904 intensificaram-se as manifestações de insatisfações, principalmente em São Petersburgo e Moscou. No meio operário, a situação era de permanente tensão. O numeroso operariado vivia na miséria, más condições de trabalho, baixos salários, multas, ausência de pensão por acidentes de trabalho ou aposentadoria, jornadas de 12 horas diárias, seis dias por semana. A organização sindical era proibida. Em 1904, o governo toma a iniciativa de patrocinar a criação de *organizações que canalizassem as insatisfações dos operários para reivindicações meramente econômicas*, procurando afastá-las da luta política. Para a tarefa, são escolhidos dois agentes da polícia secreta. O que fora destacado para Moscou foi logo desmascarado. O outro, sacerdote e capelão de uma das prisões de São Petersburgo, Padre Gapone, vai desempenhar um papel que não estava previsto.

No final do ano de 1904, a organização do padre Gapone, Associação Operária de Fábricas e Usinas, contava com onze “seções operárias”, onde os trabalhadores se reuniram para discutir os seus problemas, ouvir alguma palestra ou ler jornais. Nessas seções era proibida a entrada de militantes de partidos políticos.<sup>3</sup>

No dia 3 de janeiro de 1905, uma segunda-feira, os 12.000 operários da fábrica Putilov, uma das maiores de São Petersburgo, iniciaram uma greve que, rapidamente, se estendeu pela cidade. Os operários da fábrica, ligados ao padre Gapone, através dos “círculos operários”, tinham redigido uma petição à direção da fábrica com reivindicações econômicas. Não só não foram atendidos, como quatro operários foram despedidos. A greve que se iniciou foi em solidariedade aos demitidos. A indignação entre os operários da capital foi enorme. Gapone, “procurando salvaguardar seu prestígio e sua função, simulou uma indignação superior à de todos e estimulou os operários da fábrica Putilov

3 O primeiro grupo social-democrata foi Emancipação do Trabalho, fundado em 1883. Em 1898 foi fundado o Partido Social Democrata Operário Russo. No seu segundo congresso, em 1903, nascerá a fração menchevique (minoría) e a fração bolchevique (maioría). No início do século foi fundado o Partido Socialista Revolucionário, que desempenhará um papel importante na Revolução de 1917. Também haviam alguns grupos anarquistas, principalmente em São Petersburgo e Moscou. Ainda que tivessem pouca influência, dada a situação de clandestinidade em que esses grupos atuavam, era intenso debate sobre a natureza da formação social russa. A primeira tradução de *O Capital* foi para o russo. Marx também manteve uma intensa correspondência com os revolucionários russos.

a reagir vigorosamente” (VOLIN, 1980, p. 62). Era a primeira greve operária importante da Rússia. Rapidamente a indignação espalhou-se através das “seções operárias” e a greve estendeu-se por outras fábricas, até se tornar uma greve geral dos trabalhadores de São Petersburgo. Nas assembleias operárias de fábricas, nas ruas e nas “seções operárias”, discutia-se o que fazer. Era necessário ir além da paralisação. Foi quando surgiu a idéia de se redigir uma *petição ao tzar*. Gapone ficou encarregado de entregá-la pessoalmente, apoiado por uma grande e pacífica manifestação. A idéia “uniu, inspirou e entusiasmou: ela deu um sentido, um objetivo preciso ao movimento dos operários” (Idem, p. 63). Gapone foi encarregado de redigir a petição. Foi nessa circunstância que os partidos políticos e militantes operários se aproximaram de Gapone. O documento, no início extremamente servil, foi transformado num documento onde foram contempladas as principais reivindicações operárias em todos os níveis. A situação era paradoxal. O documento pediu simplesmente ao tzar que abdicasse de seus poderes absolutos, e fazia reivindicações econômicas que permaneceriam na pauta das reivindicações operárias por muitas décadas.

As liberdades democráticas reivindicadas compreendiam: a liberdade de palavra, de imprensa, de associação, de religião, inclusive a separação entre Igreja e Estado, além da inviolabilidade da pessoa; igualdade de todos perante a lei, “sem exceções” e anistia; reforma agrária e imposto de renda “direto e progressivo”.

Em relação às questões que envolviam capital e trabalho, solicitava-se que o trabalho fosse protegido por lei; redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias (seis dias por semana) e “limitação das horas extras”, direito de greve, “liberdade de luta entre trabalho e capital” e legislação previdenciária, “lei de seguro e pensões”.

A denúncia de arbítrio nas relações com as chefias, “que as ordens não nos sejam dadas em meio a injúrias”, e a necessidade da melhoria das condições de trabalho dentro das fábricas, “uma renovação das instalações das oficinas”, questões que, para nós, no Brasil, ainda permanecem na ordem do dia, também são reivindicadas.<sup>4</sup>

A negociação direta, “fixação dos salários em comum acordo” e a “arbitragem nos casos de mal-entendidos”, também é exigida.<sup>5</sup>

Sob a arcaica forma de “petição ao tzar”, o documento elencava um conjunto de reivindicações que vão marcar a pauta do movimento operário neste século. Meses depois os operários da Rússia serão responsáveis pela criação da organização operária que será a primeira manifestação madura de um novo modo de produção que, até hoje, se gesta no planeta.

O dia para a entrega da petição foi marcado para um domingo, dia 9 de janeiro (velho calendário), menos de uma semana depois de iniciada a greve na fábrica Putilov. A mobilização foi feita através das “seções operárias”. Dia e noite fazia-se a leitura da petição. “Logo que o recinto estava repleto, fechava-se a porta e a petição era apresentada: os operários assinavam uma folha especial e evacuavam a sala, que se enchia imediatamente de nova multidão que aguardava pacientemente sua vez na rua, e a cerimônia recomeçava. Isso continuava assim em todas as seções até meia-noite ou mais” (VOLIN, 1980, p. 71). A leitura do documento terminava com um juramento coletivo onde era enunciada uma maldição, que se tornou profética, “se por acaso o tzar, ao invés de nos

4 Ver as reivindicações operárias em ALMEIDA, 1992.

5 Todas as citações foram retiradas da íntegra da petição publicada por VOLIN, 1980, pp. 64-69.

acolher, opuser contra nós os fuzis e os sabres, então, meus irmãos, que a desgraça caia sobre sua cabeça! Nesse caso, não teremos mais tzar! Nesse caso então, que seja maldito para sempre, ele e toda a sua família!” (Idem, p. 71-72).

Finalmente, chegou o dia. De todos os lados da cidade, desde o amanhecer, uma imensa e silenciosa multidão, composta principalmente de operários (muitos com suas famílias) movimentavam-se em direção ao Palácio de Inverno onde deveria estar o tzar, “a marcha foi pacífica, sem canções, cartazes ou discursos. As pessoas vestiam suas roupas de domingo. Em algumas partes da cidade levavam ícones e estandartes eclesiais” (TROTSKY, s/d, p. 73). Por toda a parte encontram barreiras formadas por tropas. A polícia atirou na multidão. Mesmo assim, a multidão afluía “sem cessar em direção à praça, ocupando e engarrafando as ruas próximas (VOLIN, 1980, p. 73). No final da tarde os mortos e feridos, homens, mulheres e crianças, somavam milhares. Nunca se soube o número.<sup>6</sup> Durante a noite os cadáveres foram transportados por trens e enterrados em valas comuns nos bosques próximos à capital. Quanto ao tzar, sequer se encontrava na capital.

Ao que parece, tratou-se de um plano dos setores palacianos mais conservadores para “dar uma lição aos operários”, já que durante a preparação do ato não houve nenhuma intervenção da polícia, apenas uma tímida proclamação do juiz de São Petesburgo, proibindo a realização da manifestação.<sup>7</sup> O resultado, no entanto, foi inverso do que se pretendia. A lenda do tzar, – a massa camponesa, durante séculos, representava o tzar como o “paizinho”, autentico representante de Deus na terra – desfez-se sob os golpes de sabre e a metralha dos fuzis.

Durante o massacre, os operários ainda tentaram se defender, mesmo desarmados, levantando barricadas em vários pontos da cidade. Mais uma lição aprendida. As reivindicações operárias só seriam atendidas pela força das armas. Essa é a grande diferença entre a ditadura e a democracia liberal burguesa. Enquanto a primeira não oferece opções aos trabalhadores, a não ser impor-se pela forças das armas, a democracia liberal oferece canais de expressão e participação para amplos setores da sociedade, isolando os trabalhadores e criando a ilusão de participação, ilusão renovada a cada eleição. A lição de 1905 foi repetida muitas vezes depois. Hoje parece ser consensual aos diversos setores das classes dominantes que a melhor forma de dominação é aquela que oferece a ilusão da participação aos dominados. É necessário recordar que na Rússia de 1905 nem os sindicatos eram permitidos. É essa circunstancia que vai forçar os operários russos a criarem uma forma direta de expressão.

Na segunda feira, 10 de janeiro, ninguém trabalhou em São Petesburgo. Nos dois meses seguintes, greves surdas e espontâneas pipocaram nas principais cidades da Rússia. Foi nesses meses de janeiro-fevereiro que nasceu o primeiro soviete (conselho) de representantes operários, organismo permanente de representação e poder operário.<sup>8</sup> Poderia ter sido de outra forma, já que se tratava de uma necessidade histórica.

Quem nos descreve a história de sua origem é uma testemunha ocular, Volin, já

---

6 Segundo a lista entregue pelos repórteres ao ministro do interior no dia 13 de janeiro eram aproximadamente 4.600 os mortos e feridos. Numero aproximado às baixas da guerra russo-japonesa (1904-1905) na Manchúria.

7 Durante a reunião do Conselho dos Ministros o massacre não foi discutido, “por não estar na pauta”.

8 Esta é a diferença entre o soviete e o comitê de greve (ou as comissões de negociação) que tinham sempre um caráter transitório, até acabar a greve ou se concluírem as negociações.

citado por nós diversas vezes. Volin era um jovem professor de 22 anos que dava aulas para operários. Foi através dessa atividade que conheceu Gapone e participou da leitura da petição numa das “seções operárias” às vésperas do 9 de janeiro. Uma semana depois do massacre foi procurado por um advogado, Jorge Nossar, que o conheceu numa das leituras da petição e soubera da sua proximidade como os operários. Como Nossar era bem relacionado em certos meios burgueses de oposição, que queriam solidarizar-se com os operários em greve, resolveu procurar Volin para, através dele, organizar a distribuição de fundos coletados. O interesse em Volin era porque este não pertencia a nenhum partido e tinha contato direto com os operários.

Depois de um certo tempo, a greve foi cessando, assim como os donativos. Os operários que se reuniam na casa de Volin discutiram a necessidade de continuar o contato com as fábricas, manter uma forma de organização. Foi aí que surgiu a idéia de se formar um Conselho de representantes Operários (Soviete). Volin foi convidado a presidi-lo. Não aceitou. Achava que uma organização operária deveria ser presidida por operários, “os amigos”, no entanto, “não se sentiram suficientemente fortes para poder dispensar um ‘guia’”. Ofereceram, então, o posto de presidente do Soviete a Nossar. Este, como narra Volin, “não tendo os mesmos escrúpulos que eu, aceitou” (VOLIN, 1980, p. 93). A indicação de Nossar representava a persistência do velho nessa nova forma de organização.

De fevereiro a outubro o soviete ampliou sua legitimidade, incorporando novos representantes de fábricas e chegou a editar um jornal, o *Isvestia (As Notícias)*. Perseguido, o soviete teve que interromper quase totalmente suas reuniões, só retomadas durante o movimento revolucionário de outubro.

Por volta de setembro começaram a ocorrer reuniões populares nas universidades, principalmente em São Petesburgo e Kiev. Em 1905, existiam na Rússia umas trinta universidades e escolas superiores para ambos os sexos. Os estatutos dessas escolas eram resultados das reformas de Alexandre II (1855-1881) e garantiam às universidades uma autonomia bastante significativa. Os tzares Alexandre III e Nicolau II tentaram reduzir essa autonomia, mas desistiram diante da resistência dos estudantes e professores.

Uma greve de tipógrafos, por reivindicações específicas de categoria, desencadeou um movimento que resultaria numa greve geral política em toda a Rússia. No dia 7 de outubro inicia-se a greve de ferroviários. No dia 9 a greve já se estendia por toda a Rússia, com as palavras de ordem: jornada de 8 horas, anistia, liberdades civis e assembleias constituintes. No dia 17 a greve era geral. Nessa situação foi possível ao soviete sair da clandestinidade e assumir o papel de coordenador do movimento. No dia 13 o soviete reuniu-se no Instituto Tecnológico de São Petesburgo com cerca de 30 a 40 participantes e tirou a palavra de ordem “greve geral”. Sua representatividade foi se consolidando à medida que as fábricas em greve foram mandando seus delegados. No dia seguinte já eram cem os delegados operários. Havia também representantes dos partidos revolucionários.

Segundo Trotsky, que passou a fazer parte do soviete, este “mais parecia um conselho de guerra que um parlamento”, “a mínima tendência para a retórica era firmemente refreada pelo presidente, com a severa aprovação dos assistentes” (TROTSKY, s/d, p. 123).

No dia 17 de outubro, ao mesmo tempo em que o governo fechava e ocupava

todas as escolas superiores de São Petesburgo, o tzar proclamava um *manifesto constitucional*. O manifesto contemplava a maior parte das reivindicações políticas dos grevistas. A greve começa a declinar. O soviete decreta o encerramento do movimento no dia 21 de outubro. Encerrada a greve, fizeram-se manifestações em frente às prisões pela anistia. No dia 22, o governo publica o decreto de anistia. A reação dos setores ultraconservadores do governo e da sociedade foi a organização de *pogroms* que, segundo Trotsky, teriam vitimado de três mil e quinhentos a quatro mil judeus militantes operários e deixado mais de dez mil feridos e mutilados, em mais de 100 cidades (Idem, p. 146).

Em São Petesburgo não ocorreu nenhum *pogrom*. Os operários evitaram a violência se armando de todo o tipo de recursos, “todas as usinas e oficinas que tinham algum tipo de acesso ao ferro e a aço começam, por iniciativa própria, a fabricar armas brancas. Com vários milhares de martelos forjaram-se punhais, picaretas, chicote de arame e clavas de ferro” (Idem, p. 148). As tipografias em greve só imprimiam o jornal do soviete e os jornais social-democratas. Os trabalhadores se recusaram a imprimir qualquer folheto que visasse a estimular os *pogroms*.

Nos dias 26 e 27 de outubro, estoura uma revolta de marinheiros no porto de Kronstadt, sufocada pelo governo no dia 28. O soviete reage e declara uma nova greve geral política acompanhada de comícios e protestos. O governo cede, não julgando os revoltosos de Kronstadt através de cortes marciais, como havia ameaçado. No dia 7 de novembro o soviete encerra a greve geral. O soviete procurava evitar um confronto direto com o governo, por reconhecer que não dispunha de força militar para vencê-lo.

Durante a greve de outubro os operários desencadearam, independente da orientação do soviete, a luta pela redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias. O método era o da *ação direta*. Cumpridas as 8 horas, era detonado o apito que encerrava a jornada de trabalho. Finda a greve os operários tinham conquistado a redução da jornada para 9 horas de trabalho em todas as usinas do estado e em diversas empresas privadas. A luta pelas 8 horas ganhou popularidade no meio operário.

Nestes últimos meses do ano também foi registrada uma intensa agitação no campo. No mês de agosto foi realizado em Moscou o primeiro Congresso de Camponeses. O segundo Congresso que se realizou na mesma cidade no dia 6 de novembro e aprovou um programa que incluía a transferência de toda a terra à propriedade comunal, “àqueles que a trabalham” (Idem, p. 201).

De 11 a 16 de novembro, foi sufocado um novo levante de marinheiros, em Sebastopol, no mar Negro. Os marinheiros sublevados exigiam a convocação de uma assembléia constituinte.

No dia 14 de novembro foram detidos em Moscou os funcionários da União Camponesa, formada no segundo Congresso Camponês. No dia 26 é preso Nossar, presidente do soviete de São Petesburgo, que continua a atuar na clandestinidade, através de seu comitê executivo, que fora eleito por voto secreto, por 302 deputados operários. Trotsky é seu novo presidente.

Em dezembro continua a repressão. O soviete decreta nova greve geral no dia 7. Trinta e três cidades respondem ao apelo (contra trinta e nove em outubro). No terceiro dia de greve em Moscou começam a surgir grupos armados que se chocam com a polícia e as forças armadas durante nove dias. O número aproximado de vítimas do Levante de Moscou é de mil mortos e o mesmo número de feridos.

Segundo Trotsky, entre o Domingo Sangrento e a convocatória da primeira Duma de Estado<sup>9</sup> em 27 de abril de 1906, o governo czarista foi responsável pela morte de mais de 14.000 pessoas, execução de 1.000, 20.000 feridos e prisão ou desterro de mais de 70.000 pessoas. O autor (e participante ativo dos acontecimentos) conclui que “o preço não foi excessivo, levando em conta que o que estava em jogo era a própria existência da tzarismo” (TROTSKY, s/d, p. 253).

A Revolução Russa de 1905 preparou a Revolução de 1917. O mito do tzar estava comprometido. O domínio ideológico tinha se quebrado. O governo, ao não fazer nenhuma concessão significativa e reprimir com violência a insatisfação, criou um distanciamento fatal em relação à sociedade civil. As forças em conflito estavam esboçadas. Restava, praticamente, resolver um problema militar. A auto-organização dos operários criou novos métodos de luta e formas de organização que serão incorporados aos programas dos partidos revolucionários, particularmente dos bolcheviques. Em toda social-democracia a experiência russa de 1905 vai ser objeto de intenso debate.<sup>10</sup>

Para encerrar, mais duas observações. A organização operária que se criou em janeiro/fevereiro de 1905 não representava ainda uma forma desenvolvida. Como vimos, os operários ainda não se sentiam suficientemente auto-confiantes para indicar a presidência do seu soviete a um operário (indicando o advogado Nossar e o militante o político Trotsky). A forma de democracia direta também preservava característica da representação burguesa. Os deputados operários, uma vez eleito, falavam em nome de seus eleitores, ou seja, preservava-se delegação de poderes. Não era uma democracia direta plena. Essa característica facilitou, mais tarde, em 1917, o aparelhamento dos sovietes pelo partido bolchevique.<sup>11</sup>

Em 1917, entre fevereiro e outubro, aparece a contradição entre os sovietes formados por deputados que tinham poderes delegados (e receberam inclusive um salário, nos moldes dos parlamentares capitalistas) e ao sovietes, onde havia o exercício da democracia direta, como os Comitês de Fábrica ou os sovietes de bairro. Essas organizações de base estavam sempre à frente do Soviete de Deputados Operários, como no caso da redução da jornada para 8 horas. Em 1917 (tal como em 1905), os Comitês de Fábrica “faziam aplicar as 8 horas, mesmo antes do acordo entre o Soviete e os patrões. Neste sentido eles se chocavam com o patronato, com o governo e com a indiferença do Soviete e de seus partidos” (FERRO, 1987, p. 19). Essa contradição se tornou mais explícita quando os comitês de fábrica se organizaram de forma horizontal, formando o Soviete das Comissões de Fábrica, “a extensão horizontal da ação dos Comitês de Fábrica causou conflito com os sindicatos. Sua extensão vertical, por sua vez, suscitou uma rivalidade de poderes entre os sovietes dos conselhos de fábrica e o soviete dos deputados. Assim, os sovietes dos Comitês se transformaram em um verdadeiro contrapoder operário que organizava sua própria defesa, apoiado nos bairros” (Idem, p. 22).

Durante a revolução de 1917 essa contradição foi resolvida de forma negativa.

Os bolcheviques, uma vez com a máquina do Estado nas mãos, eliminaram toda forma

9 Esse Parlamento era apenas consultivo e não teve maior significado que o de atender a pressão da comunidade financeira internacional que exija estabilidade política.

10 Para Rosa Luxemburgo, por exemplo, a greve geral de massas de 1905 prefigura a forma que tenderão a assumir as lutas operárias em todo o continente.

11 O controle do partido bolchevique sobre os sovietes foi o principal motivo do levante dos marinheiros de Kronstadt, sufocado por Trotsky. Veja-se KOLL & OBERLANDER, 1971.

de auto-organização operária, fosse ela direta ou indireta. Ficou, no entanto, a experiência da contradição que, a meu ver, permanece extremamente atual, a contradição entre a representação direta dos trabalhadores e as diversas formas de representação delegada, que vai dos sindicatos aos partidos.

A segunda questão, com a qual pretendo encerrar este texto, é mostrar que a posição dos bolcheviques em relação aos soviets já era clara em 1905. Era explícita a contradição entre os trabalhadores auto-organizados através dos soviets e os partidos políticos (aqui simplesmente representados pelo partido bolchevique).

A questão “Partido Soviète”, já colocada por militantes políticos em 1905, permanece atual. Trotsky, na obra *A Revolução de 1905*, faz clara distinção entre partido e soviète. Em relação aos partidos, esclarece que “tratava-se de organizações *dentro do proletariado* e seu objetivo imediato era ter influência *sobre as massas*”, enquanto que o Soviète “foi, desde o início, a organização *do proletariado* e seu objetivo era a luta pelo poder revolucionário” (TROTSKY, s/d, p. 255, *grifos no original*). Lenin, no artigo *Nossas tarefas e o Soviète de Deputados Operários*, faz referência ao “camarada Radin” que “coloca o problema do seguinte modo: Soviète de Deputados Operários ou Partido?” (LENIN, 1980, p. 79). Nesse artigo, Lenin não entrará no mérito da questão. Mas ao se referir à relação entre soviète e partido, dirá claramente que os bolcheviques são os únicos representantes do “proletariado consciente”, portadores do pensamento marxista, “a única concepção do mundo verdadeiramente consequente e proletária” (Idem, p. 89), e que seu apoio aos soviets é somente tático pois,

sem a união do proletariado e dos camponeses, sem a aliança combativa de social-democratas revolucionários, é impossível o êxito total da grande revolução russa. Será uma *aliança provisória* com fins práticos e imediatos bem definidos; e para defender os interesses fundamentais, os interesses vitais do proletariado socialista, *para defender seus objetivos finais sempre estará o Partido Operário Social Democrata da Rússia*, partido independente e ideologicamente firme nos princípios (Idem, p. 82, *grifos meus*)

O aparente sucesso da revolução Russa de 1917 como uma revolução socialista, encobriu essa discussão. Dentro do país, os grupos que, de alguma maneira, questionavam a estatização dos meios de produção e a ditadura do partido bolchevique, foram sendo paulatinamente eliminados. Mesmo os grupos que faziam essa discussão dentro do partido, acreditando, portanto, que a contradição entre organização operária e partido não era total, foram perseguidos e exterminados.<sup>12</sup>

Hoje, refletir sobre essas questões é condição necessária para a crítica da democracia liberal e do ex-“socialismo real”.

---

12 Veja-se, sobre o período, a coletânea de documentos organizada por Oscar ANWAILER, 1971.

**BIBLIOGRAFIA:**

- ALMEIDA, Ivan Antônio de. *Construindo a identidade operária – a história da Comissão de Fábrica da ASAMA*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- ANWAILER, Oscar. *Democracia de Trabalhadores o Ditadura de Partido*. Documentos de la revolución mundial (n° 1). Madrid: Zero, 1971.
- BERNARDO, João. *Para uma Teoria do Modo de Produção Comunista*. Porto: Edições Afrontamento, 1975.
- EICHENBAUM, Vsevolod Mikailovitch. [VOLIN]. *A Revolução Desconhecida*. Nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo, Global, 1980.
- FERRO, Marc. *Dos soviets à burocracia*. Tradução de Cláudio Nascimento. S/Local: CECA-CEDAC, 1988.
- KOLL, Fritz & OBERLANDER, Erswin. *KRONSTADT*. Documentos de la revolución mundial (n° 2). Madrid: Zero, 1971.
- LENIN. “Nossas tarefas e o Soviete de Deputados Operários”. In *1905 – Jornadas Revolucionárias*. Contagem: Editora História, 1980.
- TROTSKY, Leon. *A Revolução de 1905*. São Paulo: Global Editora, s/d.

